

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : FSP

CLASS. : 635

DATA : 16 09 90

PG. : D-4

Grupo de dez índios ingressa em universidade através de convênio

OLYMPIO BARBANTI JR.

Enviado especial a Goiânia

Um grupo de dez índios está realizando o sonho de milhares de brasileiros: estudar numa universidade. A entrada dos índios nos cursos de nível superior é possível graças a um convênio estabelecido entre a União das Nações Indígenas (UNI) e a Universidade Católica de Goiás (UCG), em Goiânia. Pelo acordo, firmado há um ano, os índios precisam apenas saber ler e escrever. Mas a UNI selecionou dez índios de diferentes tribos que já tinham formação escolar de 1º e 2º graus, segundo Mário Arruda, diretor do Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia.

Um dos índios, Paulo Celso de Oliveira, da tribo Pankararu (de Pernambuco), prestou vestibular e passou para o curso de bacharel em Direito, com duração de cinco anos. Outros quatro índios cursam o bacharelato em direito. São dois índios kaiagang (do Rio Grande do Sul), um terena (do Mato Grosso do Sul) e um bakairi (do Mato Grosso).

Seis outros índios que fazem parte do convênio são um suruí (de Rondônia), um krenak (de Minas gerais), dois tikuna (do Amazonas), um xavante (do Mato Grosso) e um ianomâmi (de Roraima). Eles frequentam o curso de extensão em biologia aplicada, com duração de dois anos e meio. Esse curso conta com acompanhamento extra-acadêmico da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (de Piracicaba) e da Fundação Gaia, presidida no Brasil pelo atual secretário de Meio Ambiente, José Lutzemberger.

Segundo o índio Ailton Krenak, presidente da UNI, o principal objetivo de conduzir os índios à universidade é recuperar a "memória da criação do mundo". Seria o conjunto de conhecimentos tradicionais dos grupos indígenas que se manifestam na utilização dos recursos naturais, como as plantas da floresta. Por isso, a ênfase da formação dos índios é dada ao curso de biologia, que conta com uma chácara de 15 hectares a 20 km do centro



Olympio Barbanti Jr.

Estudantes no Centro de Pesquisa Indígena, a 20 km de Goiânia

de Goiânia, denominada Centro de Pesquisa Indígena (CPI).

No centro são realizados os cursos experimentais, sob supervisão da UCG, para complementar e dar aplicabilidade aos ensinamentos transmitidos aos índios. São eles: piscicultura; manejo de animais silvestres; cultivo de plantas nativas; tecnologia de coleta, processamento, conservação, produção comercial e marketing com frutas nativas; agricultura regenerativa; e divulgação e comunicação.

O programa de formação em biologia visa dar aos índios um acervo de conhecimentos aplicados sobre os ecossistemas naturais das áreas indígenas. A partir desse conhecimento, os índios deverão desenvolver, com auxílio de professores, projetos comunitários de manejo (administração) dos recursos naturais existentes em suas aldeias e transmitir seus conhecimentos a seus povos.

Um dos projetos experimentais já em andamento no CPI visa dar aproveitamento às plantas nativas, com prioridade para as espécies frutíferas. Inicialmente os índios estão aprendendo como recuperar o solo degradado pelo uso do fogo, para então desenvolver técnicas de processamento de frutas para comercialização.

O projeto de graduação em direito tem por objetivo formar os índios e especializá-los na defesa dos direitos constitucionais de suas comunidades. A especialização reflete a situação de desproteção das áreas indígenas no país.

Escola aproveita técnicas indígenas

Da Reportagem Local

O projeto de formação dos índios trouxe uma novidade para a Universidade Católica de Goiás (UCG). Ao mesmo tempo que aprendem, os índios estão contribuindo para a formação do conhecimento acadêmico. Segundo Marcio Arruda, da UCG, há muitos casos em que o conhecimento tradicional indígena é superior ao conhecimento acadêmico. São especialmente conhecimentos aplicados, como a identificação de habitats dos animais.

Ailton Krenak, da União das Nações Indígenas (UNI), conta que pesquisadores do Pará tentaram inutilmente fazer germinar uma espécie de árvore da Amazônia, até que um índio lhes ensinou que é necessário uma anta comer a semente e defecá-la para então a árvore nascer.

O estudo dos índios é gratuito, em forma de bolsa integral da UCG. A UNI se responsabiliza pela estadia, alimentação e transporte dos índios. Os índios são orientados a prestar o vestibular para entrar formalmente na universidade. Enquanto isso não ocorre, assistem aulas com os alunos regulares, formalmente admitidos como ouvintes e civilmente trajados. Fazem as provas e os trabalhos regulares. O convênio existe há um ano.